

O objetivo da presente comunicação é promover um diálogo entre as obras de dois dos intelectuais moçambicanos mais conceituados da atualidade, Francisco Noa e João Paulo Borges Coelho. O primeiro, reputado crítico literário, autor de diversos estudos sobre a literatura e a cultura desse país. O segundo, ficcionista internacionalmente premiado e renomado historiador. A discussão aqui proposta tem cariz comparativista, ainda que em uma configuração pouco usual, já que busca estabelecer interlocução entre *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária* (2002), de autoria de Noa, estudo teórico que discute o contexto de formação e a história do romance colonial em Moçambique, e as obras *As visitas do Dr Valdez* (2004), *O Olho de Hertzog* (2010) e *Rainhas da noite* (2013), romances de Borges Coelho ambientados no período colonial. Faz-se aqui um proposital esforço de aproximação entre as obras dos dois intelectuais moçambicanos, no qual o texto de Noa funciona como uma baliza de leitura para os romances desses três romances Borges Coelho. A leitura desses três romances seguindo tal orientação destaca a disposição da ficção de Borges Coelho para interpelar, relativizar e dissolver as balizas da ideologia imperialista que impregnava a literatura colonial por meio da subversão e ressignificação de alguns de seus aspectos formais e temáticos mais característicos.

Meu ponto de partida para a presente investigação é um protocolo de leitura lançado pelo próprio Borges Coelho: sendo a escrita ficcional “artifício”, ou “maneira de fazer” (COELHO, 2021), o objetivo é evidenciar alguns dos procedimentos artísticos e literários que constituem as especificidades da ficção do autor. Nesse sentido, busca-se realizar um estudo crítico-descritivo que procura desvelar algumas das estratégias composicionais que caracterizam o projeto ficcional de Borges Coelho. O estudo também não deixa de se inserir na necessária discussão crítica dos impactos da história colonial e nacional no âmbito das vivências moçambicanas, em especial quanto à alienação dos sujeitos em nome de eventos e projetos políticos que convulsionaram as existências moçambicanas.

O recorte analítico aqui proposto foi influenciado, além disso, pelo aniversário de publicação de um dos principais livros de crítica literária moçambicana: *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*, de 2002, de autoria de Francisco Noa. Publicado há pouco mais de vinte anos, *Império, mito e miopia* se propõe a melhor

¹ Docente do Programa em Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) - campus Pato Branco.

compreender um gênero literário específico de ampla circulação ao longo do século XX. Trata-se da chamada “literatura colonial portuguesa”, um conjunto de romances publicados entre as décadas de 1920 e 1970 que ajudaram a edificar a ideia de superioridade europeia perante outros povos e culturas; enredos cujas histórias ofereciam justificativas e argumentos a favor da implantação e manutenção do sistema colonial nos territórios ocupados pelos portugueses no continente africano.

Na introdução do estudo, Francisco Noa nos informa que, ao iniciar sua pesquisa, o gênero causava “crispações, dúvidas, fantasmas, sinais de desconforto e de inquietação” (NOA, 2002, p. 15) entre leitores portugueses e moçambicanos, apesar da grande circulação de obras coloniais ao longo do século XX, inclusive em Moçambique: “era quase tabu há vinte anos tocar em questões ligadas à sociedade colonial. Os portugueses têm tido uma relação complicada e cheia de contradições com seu passado colonial.” (NOA *apud* BRAUN; ALVES, 2023, p. 5) Em seus primeiros momentos, o estudo apresenta o corpus analisado, composto de romances de autores e autoras como Maria da Beira, Agostinho Caramelo, Manuel Rodrigues Júnior, M. Fernando Magalhães, Eduardo Correia de Matos, Guilherme de Melo, Francisco de Sousa Neves, Eduardo Paixão e João Salva-Rey. Nos capítulos subsequentes, Noa analisa o modo como tempo, espaço e personagens se articulavam em obras que tomavam Moçambique como cenário de ação, evidenciando, por meio variadas passagens retiradas das obras analisadas, as principais características do gênero chamado “romance colonial”: a presença do estrangeiro em território africano e a perspectiva do colono/colonizador como dominante, o frequente tom autojustificativo e autolaudatório assumido pelos narradores e o rebaixamento (cultural/identitário) dos locais/africanos. Nos últimos segmentos do estudo, o crítico mostra e discute as estratégias literárias e ficcionais empregadas pelos autores de modo a legitimar da presença europeia na África e a portuguesa em Moçambique.

Assim, na condição de ferramenta de disseminação de uma ideologia específica, a chamada “literatura colonial” pode ser classificada como um tipo de produção literária esteticamente construída a partir da noção da África como uma espécie de “espaço vazio a ser preenchido”, recorrendo à expressão de Rita Chaves (2021), ou do “aniquilamento e de esvaziamento da identidade cultural dos povos sob domínio português”, como afirmou o próprio Francisco Noa (2002, p. 54), mostrando que vinculação ideológica à política imperialista europeia condicionava a própria composição estrutural das obras de tais autores, revelando a recorrência de um mesmo modelo narrativo que buscava expressar na literatura “a salvaguarda de um ideário, explícito e implícito, identificado com um universo

civilizacional e cultural específico que, sobrepondo-se a outros ideários (africano, americano e asiático), se institui como dominante.” (NOA, 2002, p. 27) Para tanto, a dependência de um efeito de real que “intenta o leitor a aceitar como real o mundo narrado” (NOA, 2002, p. 79). Em seu estudo, Noa salienta que a construção desse efeito depende de um certo arranjo interno dos elementos constitutivos das obras (espaço, tempo, personagens, instâncias narrativas, ponto de vista); uma arquitetura específica, dado que o romance colonial é “uma totalidade onde o composicional e o temático são absolutamente indissociáveis.” (NOA, 2002, p. 83)

Apesar de referidos como um único grupo (“o” romance colonial), a análise de Francisco Noa realça a historicidade do desenvolvimento do gênero e as diferentes nuances que assume ao longo das cinco décadas em tais romances circularam de forma mais ostensiva. Ao longo das quatrocentas páginas de seu estudo, Noa nos mostra que a evolução temática e formal do romance colonial acompanha as diferentes disposições metropolitanas em relação aos territórios que chamavam de “ultramar” ao longo do século XX: o desconhecimento inicial, o deslumbramento ante o que então se considerava exótico que marca a perspectiva das primeiras obras vai aos poucos sendo substituído por enredos que expressam mais enfaticamente os sentimentos contraditórios em relação ao sistema, resultado, em grande parte, da “evolução da própria situação em África e no mundo, e que vai obrigar, obviamente, a uma mudança de discurso.” (NOA *apud* BRAUN; ALVES, 2023, p. 31)

Os romances publicados entre as décadas de 20 e 40 constituem uma primeira fase da literatura colonial chamada por Noa de “exótica”, pelo constante apelo ao “sentido de descoberta” presente nas obras desse período, explorando a reação do europeu ao se defrontar com espaços e sociedades que até então desconhecia; uma representação do exotismo que busca, conforme salienta Said (2001), pautar o imaginário dos leitores sobre a África. O exotismo atribuído aos africanos significa, aqui, sobreposição e hierarquização de mundos, já que os protagonistas, em geral, viajantes (aventureiros, etnógrafos) mas também colonos de origem rural, chegam à África com a disposição de realizar o “gesto do colonizador” (NOA, 2002, p. 138), ou seja, “domesticar os selvagens”. Em uma segunda fase, chamada “doutrinária”, os romances assumem mais ostensivamente a ideologia e a propaganda do Estado Novo português, conferindo ainda mais destaque positivo aos valores atribuídos pelos narradores aos colonizadores portugueses,

em que a figura emblemática de referência é o Rodrigues Júnior, um enorme defensor do imaginário, e, sobretudo, desta justificação. É talvez o período no qual a questão da justificação, da presença colonial em África, se agudiza, e que se reflete na própria literatura, nos próprios romances, e com os romances desse período se tornam até os anos 50, 60, numa espécie de propaganda, de grande cartão de visita, da presença colonial em África, e muito particularmente em Moçambique. (NOA *apud* BRAUN; ALVES, 2023, p. 9)

Em uma terceira e final fase, denominada “cosmopolita”, composta por romances publicados entre as décadas de 1950 e 1960, as narrativas aproximam-se da estética neo-realista, deixando evidente, de acordo com Noa, um certo amadurecimento estético e discursivo. Já não há mais tipos caricatos e as personagens passam a incorporar de modo mais intenso as inquietações e contradições da vida na cidade moderna acabando, por consequência, também em conflito com o próprio sistema colonial; uma modificação de perspectiva bastante significativa se considerarmos as características das fases anteriores. Há, nesse sentido, um certo movimento de “autodissolução” da literatura colonial com o estabelecimento de pontes com a literatura nacional moçambicana, já que as obras do período passam a admitir a subjetividade de personagens africanas, representadas de modo mais humanizado:

há toda uma evolução que faz com que a literatura colonial que nós temos no final da presença colonial portuguesa em Moçambique não tenha as mesmas características do início do seu percurso. O que une as três fases é o amadurecimento da hegemonia cultural e a questão da decolonialidade. (NOA *apud* BRAUN; ALVES, 2023, p. 11)

O estudo de Noa pode ser uma chave de leitura produtiva para mostrar com mais clareza que o diálogo com o colonial nos romances de Borges Coelho está estruturado não apenas em relação à temática, mas também ao nível da composição narrativa. Em *As visitas do Dr. Valdez*, *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* é possível identificar um jogo de aproximação e afastamento com a estética colonial, promovendo, nesse processo, a desessencialização e reconfiguração do imaginário sobre a África e seus habitantes. No plano formal, há nas três obras a recorrência de planos narrativos “costurados”, intercalando tempos históricos e espaços rurais e urbanos, de modo a promover um contínuo sentido de relativização. O foco narrativo, em cada um dos romances de Borges Coelho, está calibrado para enfatizar o sentido de descoberta do espaço, especialmente se considerarmos as cenas de abertura nas obras, que se dão pela perspectiva das personagens que “chegam” a um novo lugar; uma chegada marcada por um certo desconforto que vai, contudo, se reconfigurando à medida em que as personagens vindas “de fora” passam a interagir com o meio e as

personagens do local. No plano temático, são romances que transfiguram alguns dos motes mais característicos da literatura colonial, como a onipresença da figura do homem/colono português e a invisibilização, ou o rebaixamento, dos habitantes locais, possibilitando tanto uma visão positiva das personagens africanas como a constituição de espaços e situações de agência por parte delas, algo inimaginável nos romances coloniais. Em termos estratégicos, os enredos são situados em momentos de transição ou crise, como a Primeira Guerra, (o início d) a luta de libertação moçambicana e o sufocamento da política de memória já no período nacional.

Se comparados ao conjunto de obras analisado por Francisco Noa, uma das características que mais se destaca é o reposicionamento da perspectiva do homem português, que, nos três romances de Borges Coelho, tem seu protagonismo suplantado. O vácuo dessa presença abre espaço para a exploração de outros pontos de vista e outras vivências coloniais, conferindo, por consequência, cores mais realistas à representação do período. *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite*, de modo especial, evocam e exploram motes narrativos comumente empregados pela literatura colonial, brincando com a típica “expectativa de mistério e aventura” inerente a esse gênero (MENDONÇA, 2011, p. 27), pelo seu apelo popular, e, ao mesmo, subvertendo, seus “elementos ideológicos subjacentes” (MENDONÇA, 2011, p. 30). O desaparecimento da centralidade do ponto de vista do homem branco/português significa, no caso dos três romances, o desaparecimento do “pressuposto do atraso e da inaptidão geral dos nativos” (SAID, 2011, p. 144) que, agora, são apresentadas como personagens dotadas de grande complexidade identitária e envolvidas, mesmo que indiretamente (como é o caso de Vicente Paulino, em *As visitas do Dr. Valdez*), com a luta anticolonial. São três enredos que mostram personagens negras/mestiças e brancas em situação de verdadeira interlocução, a despeito do *apartheid* racial vigente no período. Assumido o compromisso de desfazer a “projeção hierárquica de mundos” (NOA, 1999, 2000; CHAVES, 2021) tão característica do sistema colonial, a literatura de Borges Coelho parece se colocar, nesse aspecto, como “instrumento formal da reinvenção de uma cultura, de uma nova comunidade nacional” (MENDONÇA, 2020, p. 70).

Não há, contudo, pacificação ideológica na composição narrativa de nenhum dos três romances, pois as singularidades subjetivas e culturais, além da própria configuração colonial, são mantidas. Isso se dá por atenção a determinadas mediações e estratégias, agenciadas pelas personagens nativas moçambicanas. A interlocução acontece por conta da simulação: está no caso das máscaras usadas pela personagem Vicente, em *As visitas do Dr. Valdez*, pela mediação da palavra pública, no caso dos editoriais de João Albasini

parcialmente reproduzidos em *O Olho de Hertzog* e pelo relato de memória da personagem Travessa Chassafar em contraponto à narrativa do caderno de notas da personagem narradora Maria Eugénia, em *Rainhas da noite*. Só tais mediações, apoiadas no acaso, ou na exceção, permitem de certo modo “driblar” o enredo colonial e pôr em interlocução sujeitos em diferentes posições hierárquicas no quadro do colonialismo.

Em reflexão sobre os projetos nacionais e a literatura africana, Laura Cavalcante Padilha chama atenção sobre o modo como “o tema da viagem se faz recorrente no espaço ficcional africano de língua portuguesa. Há uma ideia de deslocamento constante, de travessia, de enfrentamento de fronteiras etc.” (PADILHA, 2009, p. 133). Tal disposição, segundo a crítica, se justificaria pelo desejo de alicerçar novas perspectivas identitárias e cartográficas sobre as temáticas e espaços narrados. A afirmação de Padilha pode ser combinada à reflexão de Bernard Mouralis (2006) sobre a relevância do tema da viagem na literatura africana advinda, por sua vez, dos discursos sobre a África produzido pelos europeus (diários de viagem reais escritos por soldados, missionários, jornalistas, antropólogos), pautados por um desejo de definir, para fins de dominação, a África e as sociedades africanas. Francisco Noa, por sua vez, identifica os motes aos quais os ficcionistas apelam para justificar a chegada dos protagonistas das histórias coloniais à África: alguns recorrem a desilusões (sentimentais), ainda que questões econômicas sejam o mote mais comum, a despeito do discurso da “missão civilizadora” (NOA, 2002, p. 132). Moçambique é, assim, um “espaço de chegada”, no qual o recém-chegado toma contato com “uma nova realidade” (NOA, 2002, p. 133).

Observe-se, desse modo, o reaproveitamento do tema da chegada nos romances ambientados no período colonial de João Paulo Borges Coelho, motivo evocado e reconfigurado nos romances aqui analisados, que abrem com cenas nas quais as personagens chegam a um lugar que lhes é, a princípio, desconhecido. As primeiras impressões do novo lugar são, em *As visitas do Dr. Valdez*, *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite*, igualmente similares, produzindo efeitos a princípio negativos nas personagens, o que lhes exige grande disposição para compreender o meio onde agora se encontram. A chegada, especialmente aquela em que se sabe que o tempo de estadia será longo, implica em uma necessidade de reconhecimento dos locais por onde se circula e um ajuste no modo de se estar no mundo, já que agora as personagens estão num meio em que imperam “outros modos” de ocupação dos espaços.

Nos três romances de Borges Coelho aqui analisados, as cenas de abertura evocam, em diferentes modulações, um “sentido de descoberta” do espaço que será responsável, em

grande medida, por contribuir com a reconfiguração da própria relação entre as personagens, já que estar em um novo espaço significa a possibilidade de modificar as relações entre indivíduos de pertencimentos raciais e sociais distintos. Comparando as três cenas de chegada, fica visível a indisposição entre personagens e os novos espaços: em *As visitas do Dr. Valdez*, ressaltam-se os incômodos e náuseas causados pela viagem de avião para a cidade da cidade da Beira; Hans, em *O olho de Hertzog*, sente o calor, a “vegetação tão particular”, o “vago cheiro de queimado” e a maresia, que causa “náusea leve e persistente”; Maria Eugénia, em *Rainhas da noite*, por sua vez, sente-se como se estivesse “no inferno” ao chegar em Tete. O desconforto dos “de fora” é equacionado, nos três romances, por uma mesma estratégia narrativa: o processo de ambientação ao novo lugar/espaço/meio das personagens ocorre por meio de seu relacionamento com seus “interlocutores” locais - Sabonete e Jeremias, em *As visitas do Dr. Valdez*, João Albasini em *O Olho de Hertzog* e Travessa Chassafar, em *Rainhas da noite*.

Nos três romances, o sentido de transitoriedade (a história está mudando) vem acompanhado pelo aprendizado e pela possibilidade de superação da incomunicabilidade entre as personagens brancas e negras, de diferentes pertencimentos raciais. Sendo a africanidade experiência, e não essência (SAID, 2011), os romances parecem indicar que a vivência de tais ciclos, proporcionando experiências individuais mas que são ligadas e superpostas às experiências de outrem, devem ser interpretadas em contraponto ou comparativamente, e não em seu sentido absoluto. Emerge, ao mesmo tempo, a figura do homem moçambicano comum em meio às profundas modificações políticas e sociais resultantes do processo colonial. Nos três romances, há cenas em que personagens negras e brancas discutem o colonialismo, ainda que em diferentes modulações, mais direta ou indiretamente. Não há alienação entre as personagens, já que todas estão atentas ao momento histórico em que vivem. O contato frequente entre as partes, alimentados pelas situações com as quais estão envolvidos, faz com que conversem, e, eventualmente, os infortúnios do sistema colonial são colocados em questão. Tais cenas evidenciam para nós, leitores, o modo de funcionamento da sociedade moçambicana do período a partir do olhar dessas outras personagens que também vivem o cotidiano colonial. As cenas das “visitas” encenadas em *As visitas do Dr. Valdez*, os momentos em que Hans lê, discute e reflete sobre os textos de João Albasini (os editoriais do jornal *O Brado Africano* e trechos da obra de ficção *O livro da dor*) em *O Olho de Hertzog*, e as conversas de Travessa Chassafar com Maria Eugénia em *Rainhas da noite* são muito relevantes para o desenvolvimento de cada um dos enredos. O sentido de diálogo e mediação de conflitos por meio da palavra (em contraposição ao

discurso de armas e da violência colonial) parece orientar o desenvolvimento dos três enredos, mostrando a possibilidade de transfiguração da incomunicabilidade inicial entre as personagens, que se transforma, abrindo brechas para a compreensão mútua.

Colocados em perspectiva, as personagens Vicente, Albasini e Travessa se assemelham em diversos aspectos, especialmente por serem personagens em contínua interação com a sociedade colonial branca/proprietária. Tais interações, contudo, não são pautadas pela violência física, já que as personagens brancas, seus interlocutores, são de certo modo alienadas da defesa do imperialismo. As personagens estrangeiras de *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* não estão interessadas em “colonizar”, ao mesmo tempo em que desaparece, em *As visitas do Dr. Valdez*, qualquer vestígio de ideologia luso-tropicalista, por meio de uma composição ficcional que propõe novas leituras e olhares. Essa característica permite aos enredos explorar acasos e exceções, as brechas da história, sem abrir mão da verossimilhança e do realismo na representação do período.

Em conclusão, a análise buscou evidenciar algumas características do modo de narrar nos romances coloniais de João Paulo Borges Coelho, investigando aproximações possíveis entre os romances *As visitas do Dr. Valdez*, *O Olho de Hertzog* e *Rainhas da noite* lidos em contraponto à leitura de do gênero colonial por Francisco Noa em *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. A leitura conjunta das três obras em contraste à leitura de Noa evidenciou algumas das estratégias empregadas na ficção do autor para composição desse período histórico em Moçambique. Destaca-se o aproveitamento de motes e temáticas narrativas comumente encontradas em romances coloniais, ao mesmo tempo em que se promove um afastamento da portugalidade e de temáticas associadas, atitude que relativiza a relevância da discussão do período sob a ótica da dualidade “colonizador/colonizado”. São romances que mostram o contato significativo entre indivíduos de pertencimentos raciais distintos, nos quais destaca-se o desejo de interlocução. Ainda que nenhum dos romances deixe claro, aventa-se a possibilidade de conciliação entre as diferentes personagens. Nenhuma personagem branca está interessada em colonizar; ao contrário, estão interessadas na resolução de seus próprios conflitos, por isso não são antagonistas das personagens negras e estão dispostas à interlocução.

No plano formal, desafia-se a hegemonia da história única, contada de modo cronológico e linear, pela história montada por fragmentos, procedimento promove a relativização pela dessencialização das categorias tempo e espaço. Essa manipulação de planos narrativos não afeta, contudo, a verossimilhança, na medida em que a história permanece como um plano de fundo potente. A verossimilhança é reforçada pelo apelo a

motivos narrativos característicos dos romances coloniais, como a chegada a um novo espaço africano, possibilitando, contudo, sua revisão, pela recorrência de cenas em que as personagens refletem sobre sua condição social e política naquele contexto. Os dilemas que se apresentam estão no plano histórico: são romances que não abrem mão da construção de quadros históricos mais precisos, ainda que enquadrados e filtrados, em grande parte, pela perspectiva íntima das personagens.

Referências

BRAUN, Ana Beatriz; ALVES, Ricardo Pedrosa. *Molduras: entrevistas sobre literaturas africanas*. Ponta Grossa: Lambrequim, 2023.

Chaves, Rita. A literatura colonial e o confisco do imaginário. *P: Portuguese Cultural Studies*, Vol. 7, iss. 2, article 3, 2021. Disponível em <https://scholarworks.umass.edu/p/vol7/iss2/3>. Acesso em 30/03/2023.

COELHO, João Paulo Borges. *As visitas do Dr. Valdez*. Maputo: Ndjira, 2009.

COELHO, João Paulo Borges. Espaços narrados, espaços narráveis. In: FONTES, Maria; CAN, Nazir ; CHAVES. *Geografias literárias de língua portuguesa no século XXI*. Roma: Tab Edizione, 2021.

COELHO, João Paulo Borges. *O Olho de Hertzog*. Maputo: Leya, 2010.

COELHO, João Paulo Borges. *Rainhas da noite*. Alfragide: Editorial Caminho, 2013.

MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana e as dobras da escrita*. Maputo: Ndjira: 2011.

MENDONÇA, Fátima. Panorama (muito geral) da ficção narrativa moçambicana contemporânea. In: QUEIROZ, Mirna (org.) *Travessias imaginárias: literaturas de língua portuguesa em nova perspectiva*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

MOURALIS, Bernard. Le romancier africain et l'énigme d'arrivée. *Présence Francophone: revue internationale de langue et de littérature*. Vol. 67, no1, Article 4. Disponível em: <https://crossworks.holycross.edu/pf/vol67/iss1/4>. Acesso em 04/03/2023.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

NOA, Francisco. Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso. *Revista Via Atlântica*, n. 3, dez, 1999. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/49007> . Acesso em 12/03/2022.

PADILHA, Laura Cavalcante. Nas lavras das literaturas africanas modernas ou sobre novas cartografias identitárias. In: GALVES, Charlotte, et. al. *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.